



Aproximações intertextuais entre Literatura Comparada e Estudos da Tradução

Tiago Marques Luiz¹

markx2006@gmail.com

Lucília Teodora Villela de Leitgeb Lourenço²

luciliatvllourenco@gmail.com

RESUMO:

A Literatura Comparada se instituiu primeiro como disciplina, sendo seguida pelos Estudos da Tradução. De forma separatista, a primeira enxergava o segundo como algo secundário e derivativo, como um desrespeito ao texto-fonte, partindo da aporia da fidelidade. No entanto, à medida que ambas foram se desenvolvendo na academia, nota-se uma aproximação tanto teórico como prática, por meio de temas, escolhas linguísticas, imagens e nas relações intertextuais. Ancorado num diálogo intertextual, esse trabalho tem como propósito estabelecer uma aproximação harmoniosa entre a Literatura Comparada e os Estudos da Tradução e como essas áreas do conhecimento lidam com o texto, seu principal instrumento de trabalho. Para tanto, nos valem das considerações de Lefevere (1992; 1984), Bassnett (1993), Carvalhal (2003; 2006), Coutinho (2013), Souza (1993), entre outros comparatistas e teóricos da tradução para assegurar o nosso ponto de vista. Embora as reflexões vão ao encontro do texto literário, elas não deixam de ser aplicáveis também aos textos artísticos.

PALAVRA- CHAVE:

Literatura
Comparada; Estudos
da Tradução;
Aproximações;
Intertexto; Texto.

¹ Possui graduação em Letras Licenciatura/Habilitação Português/Inglês pela Universidade Federal da Grande Dourados (2009), especialização em Tradução de Inglês pela Universidade Gama Filho (2011), Mestrado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2013) e Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (2019). Atualmente é professor convocado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

² Possui graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Alta Paulista, graduação em Letras Português/Inglês pela Unimar - Universidade de Marília, SP (1972). É Mestra em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2006) e Doutora em Letras (área de concentração em Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2014). É professora efetiva nível V da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, em Dourados. Tem experiência com a Língua Inglesa e em suas literaturas: Norte-americana, Britânica e Pós-Colonial. Atualmente desenvolve estágio de pós-doutoramento na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a supervisão da professora Rosana Cristina Zanelatto Santos

“A migração de uma língua em outra, de um texto em outro, permite ao tradutor a experiência com sua língua, num processo de aprendizagem e reconhecimento, deixando de lado a ilusão de ser seu proprietário” (SOUZA, 1993, p. 37).

1. Considerações iniciais

É no limbo acadêmico, teórico e interinstitucional que a interlocução entre Literatura Comparada e Estudos da Tradução no proporciona um campo de pesquisa transitório e que resulta em futuros desdobramentos, como por exemplo a tradução de poesia, campo esse que tem instigado poetas e tradutores na sua representação formal, como uma forma de equivalente, no entanto, o termo *equivalência* é mutável, não gerando uma isonomia, e que não é desmerecida, muito pelo contrário, ela é “alvo” de reflexões e críticas sobre o fazer poético, alicerçado ao projeto do tradutor de poesia.

Para embasar nosso argumento, tomamos como referência a seguinte citação de Rebello (2012), que ambos texto-fonte e tradutor têm sua devida importância, não um desmerecendo o outro, e que simultaneamente no que vale salutar “a questão do reconhecimento do tradutor, também é necessário considerar que tal visibilidade não deve obstaculizar a leitura do texto-alvo” (REBELLO, 2012, p. 5).

De forma similar, o mesmo ocorre com o texto dramático ao ser encenado em um palco, cujo processo criativo está ligado à interpretação dos vários agentes do teatro e, finalmente, à interpretação do ator/atriz ao representar um determinado personagem, cujas falas direcionadas a outro – tanto ao personagem com quem ele interage assim como a plateia – nos suscitam emoções como angústia, riso, tensão e choro. Se tentarmos cotejar essas artes (poesia e teatro), veremos que elas não abdicam de dois aparatos: a palavra, seja ela na modalidade escrita (poesia) ou encenada (teatro), e a criatividade do tradutor em transpor em uma nova métrica e um novo palco a expressão dessas palavras do autor que é alheio ao seu público e que será apresentado em um novo contexto, um novo código linguístico e, conseqüentemente, a um novo público.

Traduzir consiste em uma apresentação, em transferir um aspecto verbal ou um espaço para outro, não limitando apenas ao texto, mas ao conjunto que nele vem arraigado, como o contexto de produção e a sua ficcionalização de uma dada realidade. A tradução, numa perspectiva comparatista, denota uma iniciativa cultural, tão inovadora quanto qualquer outra, para o público receptor.

Toda leitura de um texto implica, segundo George Steiner (2005), a tentativa de compreender uma linguagem diferente da nossa, uma vez que os significados, alusões, tons, ritmos mudam celeremente. De acordo Álvaro Manuel Machado e Daniel Henri Pageaux (1988), a Literatura Comparada não versa *apenas na comparação*, mas em uma relação sobre textos, autores e fenômenos culturais, cujo diálogo estabelecido permeia “não só entre as literaturas e as culturas, mas também entre os métodos de abordagens do fato e do texto literários” (MACHADO; PAGEAUX, 1988, p. 17).

Iniciamos esse texto questionando o que é Literatura Comparada e o que são os Estudos da Tradução e como esses campos tão distintos se articulam de maneira benéfica a ambos. Considerando o diálogo da Literatura Comparada com os Estudos da Tradução (BASSNETT, 1993), assim como o caráter de reescrita de um texto em

outro, por meio de aspectos intrínsecos e extrínsecos a esse ofício (LEFEVERE, 1992), este texto como propósito fazer um diálogo da Literatura Comparada com os Estudos da Tradução, por meio de aportes teóricos como Susan Bassnett, André Lefevere, Tania Carvalhal, entre outros.

2. A Literatura Comparada e os Estudos da Tradução

Não é de se estranhar que, em seus primórdios, a literatura comparada era uma disciplina eurocêntrica, porém, a década de 1950 rompe com esse paradigma e faz emergir na academia uma mudança fundamental, de natureza epistemológica (CARVALHAL; COUTINHO, 1994). Em uma breve cronologia do século XX ao XXI, essa mudança resultou no molde que temos de Literatura Comparada em nossos tempos: uma disciplina inclusiva e contestadora, no sentido de permitir uma revisão do cânone e a própria noção que se tem de literatura, não limitando-a a apenas a arte da palavra (WANDERLEY, 1992; JOBIM, 1992).

Com esse novo olhar para o cotejo literário, saindo do centro canônico, soma-se a ele os chamados grupos sociais ou minoritários, que têm contribuído para a história literária e a própria ideia de nação de determinado país ou cultura, engajados em uma verve política de reafirmação de identidade, de resistência e de pertencimento, proporcionando um diálogo frutífero com as Ciências Humanas, como a História, Sociologia e a Antropologia, proporcionando aos pesquisadores comparatistas um rol de temas contemporâneos e caros tanto à história e à sociedade, como a questão de identidade de gênero, a poética africana e indígena e o homo/lesbo erotismo.

Esse levante se deve aos esforços de teóricos provenientes dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, da alçada de Edward Said, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Stuart Hall, Judith Butler e Beatriz Preciado. Graças à inserção de novas abordagens propostas por esses críticos, com reflexões bastante assíduas à literatura, podemos dizer que a Literatura Comparada se reinventou, saindo de uma zona de conforto do estudo do centro e adentrando ao território descentralizado, como bem pontua Etienne (1994), gerando uma crise, em que se renuncia a um certo caráter provinciano da literatura, reconhecendo que a humanidade e toda produção cultural, social e artística dela intrínseca “não pode ser compreendida nem apreciada sem que se faça constante referência a essas trocas, cuja complexidade impede a quem quer que seja de ordenar a nossa disciplina em função de uma língua ou de um país, privilegiando-o dentre os demais” concluindo que a Literatura Comparada estuda não somente textos e suas relações intertextuais, seja de influência ou de composição, mas todo seu conjunto, a história dessas relações, devendo voltar ao passado mais antigo” (ETIEMBLE, 1994, p. 194, 197).

Essa ruptura presente nas palavras de Etienne vai gerar um impacto positivo para a Literatura Comparada, no sentido de se conhecer o Outro e seus objetos e práticas artísticas e literárias, pelo viés de uma diferença não pejorativa, mas enobrecedora ao trabalho do pesquisador comparatista.

De acordo com Monegal e Bou (1999), a literatura comparada nos permite enxergar a literatura como um fenômeno afrontereiriço tanto nacional como linguístico, ou pelo separatismo entre o popular e o erudito, pois, segundo esses teóricos, cada texto literário “escrito ou lido participa de um diálogo inesgotável com outros textos, com outros modos de discurso, com outras esferas da cultura,

da sociedade e da experiência humana” (MONEGAL; BOU, 1999, p. 8, tradução nossa³).

Por sermos pesquisadores de literatura, continuamos partindo do texto literário, mas cada vez mais o relacionamos com outros textos, como o cinema, o teatro e a pintura, para citar apenas alguns; e as novas pesquisas acadêmicas, assim como o desenvolver da cultura de massa e da teoria da comunicação, também estão interessadas em estabelecer diálogos entre a literatura e outras práticas significativas, como os videogames e os mangás japoneses.

A literatura comparada proporciona possibilidades de análises que ora aproximam ora distanciam as obras, os contextos e as culturas envolvidas, por meio de estratégias como a intertextualidade e a tradução, da qual iremos nos deter mais adiante. Sobre a intertextualidade, em especial, ela é essencial para a literatura comparada, pois nos permite inferir, avaliar e criticar em que medida o texto estudado em nossas pesquisas está em diálogo com outros textos anteriores a ele, uma vez que nenhum texto literário não prescinde da voz de outros que o antecederam e o compuseram. O texto literário se constrói a partir da relação com os mais diversos discursos e práticas significativas, por isso seria limitante e restritivo rastrear apenas os intertextos literários.

Por Literatura Comparada tomamos o entendimento dela enquanto exame da literatura e de outros textos de uma perspectiva internacional, e articulando com a teoria da tradução, a compreensão dos processos e das teorias da tradução está em seu cerne de muitas maneiras. Nas palavras de Bassnett (1993), a Literatura Comparada vai assentar no “estudo de textos em diferentes culturas, que abarca um campo interdisciplinar e que tem a ver com modelos de conexão entre literaturas através do tempo e do espaço” (BASSNETT, 1993, p. 87, tradução nossa⁴). A título de exemplo, os *Contos da Cantuária* de Geoffrey Chaucer remontam ao *Decamerão* de Boccaccio, tanto na temática, como também na forma de conto.

De acordo com Sandra Nitrini, a produção literária constitui “um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo entre diversas escrituras: a do escritor, do destinatário (ou do personagem), do contexto atual ou anterior”, e isso é presente na sociedade e na história de leitura, de releitura de reescrita (NITRINI, 1997, p. 159). Cabe à intertextualidade, enquanto ferramenta analítica para a Literatura Comparada, ofertar ao comparatista e ao crítico um texto de dupla natureza, a qual denota tanto réplica como também um redimensionamento dessa réplica – no exemplo acima, citamos Chaucer e Boccaccio, em que o segundo é replicado e redimensionado pelo primeiro no tocante à contística e narrativa de seus protagonistas.

Essa reflexão sobre a intertextualidade na Literatura Comparada nos permite inferir quanto tanto o autor como a obra estão circunscritos na história e na sociedade, em que “complexidade de relações interliterárias e de como, por força desses processos, [...] estabelece a tradição”, como uma metafórica biblioteca interminável borgesiana que “ao ser percorrida por um eterno viajante em qualquer direção, comprovaria, no final dos séculos, que os mesmos volumes se repetem em igual desordem” (CARVALHAL, 2003 p.70, 71).

³ No original: “se escribe o que se lee participa en un diálogo inagotable con otros textos, con otras modalidades de discurso, con otras esferas de la cultura, de la sociedad y de la experiencia humana”.

⁴ No original: “La respuesta más simple es que se trata del estudio de textos a través de diferentes culturas, que abarca un ámbito interdisciplinario y que tiene que ver con modelos de conexión entre las literaturas a través del tiempo y del espacio”.

Essa ligação intertextual vai resultar em um texto plural, cuja formação verbal aglomera outras expressões verbais além da própria, cujos significados absorvidos vão implicar, dialogicamente, em “três linguagens, a do escritor, a do destinatário (que pode estar fora ou implícito na obra) e a do contexto cultural, atual ou anterior” (CARVALHAL, 2003, p. 73). Portanto, a intertextualidade é notória para os estudos comparados, pois nos fez notar o quanto ela modificou “as leituras dos modos de apropriação, de absorções e de transformações textuais, alterou o entendimento da “migração” de elementos literários, revertendo as tradicionais noções de “fontes” e “influências””, assim como proporcionou uma coletividade de olhares para a obra estudada, não limitando-se ao aspecto biográfico e textual, como pressupunha a noção de influência (CARVALHAL, 2003, p. 76).

A partir das reflexões de Nitrini e Carvalhal sobre o fenômeno da intertextualidade, podemos pontuar que o texto estudado tem seus aspectos internos – como temas, narrativa, personagens – e os externos que são os antecessores a ele, que lhe fornecem uma fonte rica para apropriação e reformulação, e com os quais há uma relação simultânea de débito e crédito, resultando em um processo criativo de produção textual, corroborando com o argumento de Wellek (2011), de não tratar o texto como fenômeno isolado e puramente nacional, mas de “uma tradição ocidental coerente de literatura entretecida numa rede de inúmeras inter-relações” (WELLEK, 2011, p.). Desta maneira, configura-se um amplo sistema de correspondência interliterárias, permitindo que emerjam a noção de propriedade e de originalidade.

Por fim, a intertextualidade não existe *a priori*; ela exerce determinada função dependendo texto e contexto a ser trabalhado, no entanto, ela não prescinde do conhecimento de mundo do leitor, que há de compartilhá-lo com outros leitores, acrescentando um novo olhar ao texto lido, cabendo ressaltar que esse *background* do leitor é único, assim como sua formação cultural e literária.

Da intertextualidade, elencamos a tradução como um ponto a dialogar com a Literatura Comparada, pois segundo Carvalhal (2006), os “estudos sobre tradução ganharam uma posição central na reflexão comparativista e os trabalhos sobre história literária tomaram novas direções” (CARVALHAL, 2006, p. 74), dado o fato de que a literatura estrangeira transpõe a metafórica ponte da fronteira linguística e cultural via tradução. E esse atravessar de fronteira ocorre de várias maneiras, a exemplo de algumas: a recomendação da obra, a sua recepção pela crítica especializada, pela intermediação entre autor e tradutor – quando há correspondência entre ambos, etc.

De acordo com George Steiner (2001), as correspondências entre textos produzidos em períodos diferentes, assim como o cotejo entre uma tradução e uma nova, no tocante à “antiga mas sempre viva rivalidade entre as letras e o espírito, todo esse comércio é o da literatura comparada” (STEINER, 2001, p. 159), dando a entender que, além das relações intertextuais que permeiam o cotejo literário, a Literatura Comparada também se vale do intercâmbio tradutório entre obras, configurando um ato de leitura, e o que essas múltiplas leituras acerca de uma determinada obra e sua tradução nos expressam a cultura de determinado, povo, sua língua, cabendo ao leitor *saber como receber*.

Assim, a tradução e a recepção de obras traduzidas são um objeto interessante e caro ao comparatista “porque as questões que um comparatista propõe a si mesmo são sobretudo aquelas que intentam saber com precisão quem leu um certo livro, quem o pôde ler e quando” (CARVALHAL, 2003, p. 237). No campo

da tradução, a intertextualidade também abre novas perspectivas de reflexão e estudo das condições que cercam o próprio fato da versão e recepção de textos nos quais o diálogo de outras vozes textuais pode ser percebido, o que nos permite afirmar que não existe solução perfeita para a tradução, até porque, segundo Carvalhal (2003), a diversidade “que temos hoje das diferentes línguas, dos processos de criação e de transcrição literárias abalaram as certezas anteriores”, as quais partiam do famoso adágio italiano *traduttore traditore* e a intraduzibilidade da poesia, conferindo a tradução o grau de arte secundária e de desrespeito ao texto-fonte (CARVALHAL, 2003, p. 218).

Felizmente, os tempos são outros. Para a pesquisa em Literatura Comparada, em consonância com os Estudos da Tradução, a noção de se enxergar a tradução como uma recriação permitiu novas possibilidades de abordagem ao texto-traduzido – como por exemplo, os estudos descritivos propostos Toury (2012) e Lambert e Van Gorp (2011) –, deixando de sublimar a questão da fidelidade para enaltecer esse caráter criativo e perspicaz tanto da tradução como do tradutor. Por isso, comparatistas e pesquisadores de tradução “compreendem a tradução como um ato de comunicação e de intermediação entre culturas. Isto porque se trata de transferir para uma determinada (e contemporânea) tradição literária uma obra escrita em outra língua e, muitas vezes, em outro tempo” (CARVALHAL, 2003, p. 219).

Assumir o estatuto que acabamos de conferir à tradução implica reformular a ligação entre esta literatura posterior e a comparada. Porque quando deixa de ser definido nos termos restritivos de mediação ou transferência do sentido estável de um texto “original”, e quando atinge a autonomia de um ato de reescrita de outro texto segundo uma ideologia, uma série de estéticas diretrizes e de representações sobre a alteridade, a tradução abre mão de seu papel de prática instrumental e surge como a prática privilegiada que condensa um rol de questões e problemáticas relacionadas às articulações maiores do que o nacional e o transnacional, o vernáculo e o estrangeiro. A tradução passa a ser o evento relacionado à linguística contrastiva por excelência; a prática chave do que Nicolás Rosa chama de “semiose comparativa”

A relação entre o nacional e o transnacional, e a implicação subversiva entre o local e o global, passa pelo contato das línguas e, portanto, pelo fenômeno da tradução nas suas formas de transliteração, transcrição e reformulação de «línguas» e «estilos». A tradução, em todas as suas formas, de signo para signo, das relações intersigníficas, ou do universo do discurso para o universo do discurso é o fenômeno mais relevante do que poderíamos chamar de «semiose comparativa» (ROSA, 2006, p. 60-61, tradução nossa⁵)

Todas essas reflexões confirmam o questionamento atual do conceito de originalidade. A criatividade parece ser marcada hoje pelo uso do antigo, de forma palimpséstica, como propõe Gerard Genette (2010). Como tudo já foi dito por alguém antes, a única coisa que podemos fazer é citar, e reconhecer humildemente que nossa escrita já veio de antes, e remonta às escritas anteriores, permitindo uma

⁵ No original: “La relación entre lo nacional y lo transnacional, y la implicación subversiva entre lo local y lo global pasa por un contacto de lenguas, y por ende, por el fenómeno de la traducción en sus formas de transliteración, transcripción y reformulación de «lenguas» y «estilos». La traducción, en todas sus formas, de signo a signo, de las relaciones inter-signos, o de universo de discurso a universo de discurso es el fenómeno más relevante de lo que podríamos llamar una «semiosis comparativa»”

associação, como é o caso que fizemos brevemente da Literatura Comparada com a Intertextualidade e dessa com os Estudos da Tradução.

Genette, autor mencionado anteriormente, pode ser considerado um *companion* sobre a intertextualidade, ao propor a sua transtextualidade. Dentro da intertextualidade, está a tradução, uma prática hipertextual que consiste em transpor um texto de uma língua para outra, a partir de um fato, ou seja, a tradução vai impactar no sentido do texto-traduzido, por conta da interpretação do tradutor acerca do texto-fonte, e o teórico recomenda que o mais sensato a se fazer é “admitir que ele só pode fazer malfeito, e, no entanto, se esforçar para fazer o melhor possível, o que significa frequentemente fazer *outra coisa*” (GENETTE, 2010, p. 68)

Essa reflexão de Genette dialoga com o seguinte argumento de Hatim e Mason (1993⁶) no tocante à correspondência entre tradução e intertextualidade para a prática comparatista: nenhuma referência intertextual alguma pode ser traduzida baseando-se apenas num certo propósito, ou seja, não basta apenas traduzir por traduzir, é preciso que haja um motivo para que a tradução aconteça: uma possível encenação, uma maior demanda do mercado editorial, uma adaptação para cinema, quadrinhos, televisão ou dança, melhor dizendo, que esteja além do viés linguístico. É preciso, segundo esses teóricos, que o tradutor faça ajustes condizentes não só com a sua intencionalidade e motivação pessoal, mas que sejam feitos “à luz do fato de que diferentes grupos de usuários de texto trazem diferentes conhecimentos e sistemas de crenças para seu processamento de textos. Essas são as questões que estão por trás das decisões do tradutor” (BASIM; MASON, 1993, p. 137, tradução nossa⁷).

Por fim, Lawrence Venuti (2008) sintetiza todas essas reflexões ao dizer que as outras formas de intertextualidade utilizadas pelo tradutor (paráfrase, epígrafe, alusão, etc) são heterogêneas e figurativas, consistindo em perdas e ganhas pela interpretação desse profissional, ao “ênfatisar a relação entre os textos traduzidos e estrangeiros e negligenciar a relação igualmente, se não mais importante, entre o texto traduzido e outros textos escritos na língua de tradução” (VENUTI, 2008, p. 275, tradução nossa⁸). Essa reflexão de Venuti vai ao encontro das reflexões de Eneida Maria de Souza (1993), pontuando que a tradução “é entendida como atividade criativa, em que a liberdade do tradutor instaura o intercâmbio amoroso entre os textos, embora não se processe a fidelidade ao texto original e sim sua transgressão” (SOUZA, 1993, p. 36).

A partir da imagem da famosa Torre de Babel, símbolo da confusão linguística entre os povos antigos, a tradução tem desempenhado um papel comunicativo entre os povos, não apenas para estreitar laços ou impor o domínio colonizador, mas também como uma maneira de se conhecer a produção literária do outro, tido como alheio. A Literatura Comparada examina a Tradução como um ato interpretativo central para a história e a prática do estudo literário, em podemos propor duas formas de correspondência entre esses campos tão distintos, mas tão próximos de sobremaneira. Segundo Gramuglio (2006), a tradução é uma área presente no

⁶ Apesar de as reflexões desses teóricos serem mais direcionadas à Linguística, elas não deixam de ser aplicáveis à Literatura.

⁷ No original: “in the light of the fact that different groups of text users bring different knowledge and belief systems to their processing of texts. These are the issues which lie behind the translator's decisions”.

⁸ No original: “stress the relation between the translated and foreign texts and neglect the equally if not more important relation between the translated text and other texts written in the translating language”.

comparatismo, ao passo que Bassnett (1993) promove, em suas reflexões, que os Estudos da Tradução sejam o campo que abriga a Literatura Comparada, e não o contrário, como se postulava. Para Bassnett (1993), logo após a virada cultural dos Estudos da Tradução na década de 80, podemos enxergá-los e a Literatura Comparada como campos que promovem o estudo intercultural, tornando-se operadores de excelência na própria intersecção das linguagens e da poética, e que possibilita, pelo seu cumprimento, o cumprimento de outras abordagens analíticas à os textos relacionados uns com os outros.

Desse modo, a tradução deixou de ser uma operação mecânica para se tornar uma operação de escrita produtiva, reescrever onde o que está escrito não é mais o peso do texto estrangeiro como uma estrutura monumental, mas uma representação de aquele texto: isto é, uma invenção. Nas palavras de Carvalhal (2003), há uma ressalva de que, embora haja leitores com competência linguística suficiente para ler o texto-fonte, o texto-traduzido não encontra uma dada recepção “enquanto uma forma apropriada ou uma dicção própria não for alcançada na tradição que passa a integrar”, permitindo afirmar que a tradução exerce um papel crucial na transmissão das influências literárias, proporcionado um eco nos leitores, além de oferecer ao seu leitor “alguma coisa de novo para o sistema literário e aí funciona nem sempre do mesmo modo do que na literatura original” (CARVALHAL, 2003, p. 230).

Não apenas o texto traduzido é importante, mas o aparato paratextual e a crítica que vem posterior à publicação do texto-traduzido, que contribuem para melhor contextualização da obra e do autor traduzidos, assim como o próprio tradutor, de modo que o leitor, a partir das descrições propostas nos paratextos, saiba se adequar à leitura. Portanto, o cotejo comparativo entre texto-fonte e traduzido são úteis ao leitor e ao crítico, no sentido de visibilizar “as flutuações da imagem de um escritor ou de uma obra e, eventualmente, identificar as causas dessa flutuação”, permitindo que no material estudado “ainda que sejam avaliadas as modificações introduzidas por determinado texto traduzido em uma dada tradição literária” (CARVALHAL, 2003, p. 232).

Por fim, o estudo crítico da obra literária traduzida passa a ter o mesmo valor que a obra original, no tocante ao “exame das alterações por que passa um dado sistema literário, como ele se constitui em tradição, em avanços e retrocessos, em continuidade e rupturas” (CARVALHAL, 2003, p. 233).

À guisa de conclusão, essa aproximação intertextual, como também de caráter teórico entre a Literatura Comparada e os Estudos da Tradução tiveram um impacto positivo tanto na academia como também na relação entre esses campos do saber, corroborando com a assertiva de Coutinho (2013) ao propor que toda escrita carrega em si uma ideologia e que a tradução de texto cultural a outro não é um processo neutro, muito menos ingênuo, denotando um “caráter polifônico, frequentemente transgressor, e [que essas disciplinas] passaram a desempenhar um papel fundamental em qualquer processo de intercâmbio cultural” (COUTINHO, 2013, p. 117, colchetes nossos).

De forma não muito distante, André Lefevere (1984) já havia pontuado três premissas importantes sobre a relação entre Literatura Comparada e Estudos da Tradução. A primeira, segundo ele, vai assentar na questão da comparação entre texto-fonte e texto-traduzido, os quais, aos olhos do leitor e do crítico comparatista, proporcionam vislumbres valiosos em detrimento de uma restrição pelo contexto de produção – são obras e contextos diferentes que não se equivalem, muito menos

no grau de leitura, devido à bagagem de leitura do tradutor e do leitor para com o texto do autor traduzido. A segunda premissa discute que o comparatismo permite evidenciar o quanto a cultura receptora pode “admitir, acolher, integrar, afastar, recusar, rejeitar o que outras culturas têm a oferecer. O terceiro ponto refere-se à função da literatura traduzida dentro do cenário mais amplo da literatura que uma cultura considera como sua” (LEFEVERE, 1984, p. 127, tradução nossa⁹)

3. Considerações Finais

A relação entre a Literatura Comparada e os Estudos da Tradução têm sido vista antes de forma separada, no entanto, após a intervenção de teóricos de ambas as áreas, como também de aportes provenientes de campos como os Estudos Culturais e os Estudos de Gênero, o diálogo demonstrou ser mais frutífero, tanto no teórico como no prático, em que destacamos brevemente a intertextualidade. Saiu dos primórdios da universalidade, um termo bastante problemático no tocante às próprias estéticas literárias e seus contextos de produção, e adentrou à pluralidade e coletividade, enriquecendo o trabalho do tradutor e do crítico comparatista, com nuances antes não levadas em consideração ou que realmente não fossem prioridade no trabalho analítico e que estão sendo revisitadas e aplicada ao trabalho comparatista.

Nas palavras de Coutinho (2013), propor um significado total de uma obra de arte é errado e que esse não pode limitar-se a uma única hermenêutica, aquela pensada pelo autor durante o processo criativo, até porque traduzir e comparar são um processo contínuo de resgate histórico e de análise mais acurada e crítica, no sentido de não atribuir um juízo de valor, mas de apontar enlevos – pontos atrativos – para melhor compreensão da obra literária e da formação do leitor a receber o texto traduzido. Assim, analisar e avaliar a tradução consiste em um processo não apenas “de ordem epistemológica e antropológica, que envolve língua e literatura, cultura e aspectos filosóficos, [...] mas sim, como um complexo dinâmico de problemas, ligado as obras, a história e a cultura como um todo” (OLMI, 2003, p. 12).

A articulação intertextual entre esses campos do saber é simultaneamente causa e consequência que, em conjunto ao caráter antropológico e epistemológico proposto por teóricos como Bassnett (1993), Olmi (2003), Coutinho (2013), Lefevere (1984), Steiner (2001; 2005), entre outros, evitam tanto delimitar fronteiras como sublimar um aspecto em detrimento de outro. Traduzir é um ato de leitura que nos permite imergir nos múltiplos níveis de percepção, característica essa não viabilizada numa única leitura, limitada apenas à ação e à trama. A obra literária não apenas ficcionaliza o seu tempo e o seu espaço, como também o linguístico; por linguístico, estamos falando não apenas das escolhas lexicais e semânticas, pois além de a língua ser um produto cultural de determinada época, a comunicação no leitor do texto-traduzido sofre um impasse, pois texto-fonte e texto-traduzido, produzidos em contextos e culturas diferentes “não produzem necessariamente a mesma fala. Além disso, enquanto algumas culturas valorizam a concisão, outras preferem prolixo e o ornamento semântico”, dado o fato de que a expressão de determinado conteúdo jamais surtirá o mesmo efeito desejado pelo texto-fonte e que a

⁹ No original: “admit, embrace, integrate, screen out, refuse, reject what other cultures have to offer. The third has to do with the function of translated literature within the wider framework of the literature a culture consider its own”

interpretação cabe somente ao leitor, ao crítico e também ao tradutor, de certa maneira decodificar (OLMI, 2003, p. 16).

Partindo desses pressupostos, a obra literária, original ou traduzida, não pode mais ser apresentada nem mesmo como algo acabado, capaz de se manter intocável no tempo e na distância, mas como um conteúdo mutável devido às leituras que o transformam (CARVALHAL, 2006, p. 68). No entendimento da Literatura Comparada, a ressonância que uma tradução acelera “diz muito sobre a obra, mas também sobre o sistema literário que a acolhe” (CARVALHAL, 2006, p. 71), proporcionando a possibilidade de avaliações de recepção comparativa capazes de realizar o confronto entre dois sistemas literários, ampliando assim as leituras possíveis da obra em questão.

Desse modo, define-se a estreita relação que se estabelece entre a Estudos da Tradução e a Literatura Comparada, cuja tarefa é “estudar a capacidade de receber literatura para desenvolver a relação entre a literatura pela recepção” (NITRINI, 1997, p. 96), obtida através de trabalhos de tradução de obras literárias, resultando na promoção plural de uma determinada literatura nacional.

Definimos a estreita relação que se estabelece entre os estudos da tradução e a literatura comparada, cujo norteamo é estabelecer relações interliterárias e interculturais – e porque também não, interlinguísticas e interartísticas –, via tradução de obras estrangeiras, viabilizando a natureza intertextual de uma literatura nacional, por meio de aparatos críticos e a própria formação literária do tradutor, do crítico e, especialmente, do leitor.

Desde a década de 1980, a partir do movimento da virada cultural dos Estudos da Tradução, a definição da literatura comparada, que legitimava a tradução como obra secundária e um trabalho de reprodução linguística exata, sofreu alterações desde a crise proposta por Etienne (1994), que postulava, de forma indireta, a substituição da Literatura Comparada pelos Estudos da Tradução, no entanto, não é o que se vê, pois a Literatura Comparada está interessada em certas questões de tradução e vice-versa, o que mostra que há uma rica interseção interdisciplinar.

Em suma, a aproximação entre os Estudos da Tradução e a Literatura Comparada provoca questões como o distanciamento de um indivíduo e sua obra traduzida para outra língua (eixo do tempo), a precisão no acesso à obra traduzida (eixo mercadológico, social e político), fatores que condicionam a fortuna crítica do texto traduzido (eixo paratextual), bem como a possível autonomia dos agentes envolvidos no processo de tradução (eixo pessoal, profissional, ético).

Essas questões só poderão ser resolvidas quando a tradução tiver dinamismo com o sistema literário que a circunda, propondo um vínculo com a chamada literatura mundial e literatura local, pensando aqui a delicada dicotomia centro e periferia, permitindo, juntamente com a Literatura Comparada, que um conjunto de textos literários seja compreendido de forma complementar, para uma melhor compreensão dos fenômenos literários, das escolhas de tradução, bem como do projeto do tradutor para o texto de partida e seus intertextos que irão influenciar e agregar à sua leitura durante a reescrita do texto estrangeiro em seu idioma.

Portanto, com esse processo de busca intertextual, a crítica literária pode estabelecer um nexos entre o texto A (corpus) e o texto B (os intertextos do texto A). Em outras palavras, a intertextualidade é útil tanto à Literatura Comparada como aos Estudos da Tradução, pois no momento em que se averigua os vestígios de outros textos, a análise comparativa tende a melhorar, cabendo ao leitor se valer de

aportes teóricos relevantes para analisar a relação intertextual detectada e aprofundá-la.

Os leitores podem detectar um grande número de intertextualidades implícitas ou explícitas, o que causa sérios problemas, sendo impossível agregar todas as relações intertextuais encontradas, sugerindo que o pesquisador/leitor/crítico/tradutor crie uma escala desses intertextos e lhes atribua graus de relevância na formação do texto estudado, pois sem esses antecessores, provavelmente não conheceríamos o texto como ele é.

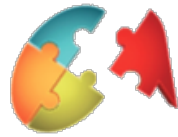
É preciso frisar que é inviável abordar a tradução como uma atividade intrínseca ao desconhecimento da língua-fonte pelo destinatário. É claro que ela serve a esse propósito, porque escrevemos e lemos traduções, marcadas por tensões linguísticas e culturais. Além disso, as traduções ajudam a desenvolver literaturas nacionais, equilibram e/ou tensionam as relações de poder entre as comunidades literárias, dominando algumas literaturas e emancipando outras.

Agora que a literatura não precisa mais disseminar o desfrute das belas letras, seu estudo pode alçar um aprofundamento maior dentro da academia. Fazendo coro às reflexões de Lefevere (1992), sempre haverá um teor de manipulação tanto literário como artístico – pensando aqui nas adaptações para as inúmeras mídias –, cujo alvo são os seus leitores, inclusive a nós mesmos, enquanto pesquisadores, que desempenhamos esse papel ativo, tendendo para melhorar ou piorar a recepção de um texto, cabendo a nós observar se nosso horizonte de expectativa – tomando emprestado o termo da estética da recepção – foi beneficiado.

Referências

- BASSNETT, S.. Introduction: What is Comparative Literature Today?. In: _____. **Comparative literature: a critical introduction**. Oxford: Blackwell, 1993, p. 1-10.
- CARVALHAL, T. F.. Intertextualidade: a mutação de um conceito. In: _____. **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003, p. 69-87.
- CARVALHAL, T. F.. Tradução e recepção na prática comparatista. In: _____. **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo: Editora da Unisinos, 2003, p. 217-259.
- CARVALHAL, T. F.. **Literatura comparada**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F.. **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- COUTINHO, E. F. Literatura comparada e tradução no Brasil: breves reflexões. In: _____. **Literatura Comparada: reflexões**. Coleção Língua, Discurso e Literatura. São Paulo: Annablume, 2013, p. 109-119.
- ETIEMBLE, R.. Crise da literatura comparada? Tradução de Lúcia Sá Rebelo. In: COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. (orgs). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 191-198.
- GENETTE, G.. Tradução. Tradução de Luciene Guimarães. In: _____. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Extratos traduzidos por Cibele Braga, Erika Viviane Costa Vieira, Luciene Guimarães, Maria Antônia Ramos Coutinho, Mariana Mendes Arruda e Miriam Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010, p. 65-70.

- GRAMUGLIO, M. T. Tres problemas para el comparatismo. *Orbis Tertius: Revista de Teoría y Crítica Literaria*, v. 11, n. 12, p 1-15, 2006.
- HATIM, B.; MASON, I.. **Discourse and the translator**. 1st edition. 4th impression. New York: Longman, 1993.
- JOBIM, J. L.. História da Literatura. In: _____ (org). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 127-149.
- LAMBERT, J.; VAN-GORP, H. Sobre a descrição de traduções. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres & Lincoln Paulo Fernandes. In: GUERINI, A.; TORRES, M. H. C.; COSTA, W. (orgs.) **Literatura & Tradução: textos selecionados de José Lambert**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 208-223.
- LEFEVERE, A.. Translations and other Ways in which one literature refracts another. **Symposium: A Quarterly Journal in Modern Literatures**, London, v. 38, n. 2, 1984, p. 127-142.
- LEFEVERE, A. **Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame**. New York: Routledge, 1992.
- MACHADO, A. M.; PAGEAUX, D. H.. **Da Literatura comparada à Teoria da Literatura**. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MONEGAL, A.; BOU, E.. Literatura sin fronteras. In: _____; _____; VILLANUEVA, D. (eds.). **Sin fronteras. Ensayos de Literatura Comparada en homenaje a Claudio Guillén**. Madrid: Castalia, 1999, p. 7-11.
- NITRINI, S. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. São Paulo: EDUSP, 1997
- OLMI, A.. **Tradução e Literatura Comparada: multidisciplinaridade e transculturalismo**. Tradterm, São Paulo, v. 9, 2003, p. 11-26.
- REBELLO, L. S.. **Literatura Comparada, Tradução e Cinema**. Organon, Porto Alegre, v. 27, n. 52, p. 220-232, 2012, p. 1-14.
- REMAK, H. R. Literatura Comparada: definição e função. Tradução de Monique Balbuena. In: COUTINHO, E. F.; CARVALHAL, T. F. (orgs). **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 175-190
- ROSA, N.. **Relatos Críticos: Cosas animales discursos**. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2006.
- TOURY, G.. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2012.
- SOUZA, E. M.. Tradução e intertextualidade. In: _____. **Traço crítico: ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993, p. 35-41.
- STEINER, G.. **Depois de Babel: questões de linguagem e tradução**. Tradução de Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora da UFPR, 2005.
- STEINER, G. O que é Literatura Comparada? In: _____. **Nenhuma paixão desperdiçada**. Tradução de Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. p. 151-166.
- VENUTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. 2nd edition. New York: Routledge, 2008.
- WANDERLEY, J.. Literatura. In: JOBIM, J. L. (org). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 253-265.



Intertextual approaches between Comparative Literature and Translation Studies

ABSTRACT:

Comparative Literature was first established as a discipline, followed by Translation Studies. Separately, the first saw the second as something secondary and derivative, as a disrespect to the source text, starting from the aporia of fidelity. However, as both developed in the academy, there is a theoretical and practical approach, through themes, linguistic choices, images and intertextual relations. Anchored in an intertextual dialogue, this work aims to establish a harmonious approach between Comparative Literature and Translation Studies and how these areas of knowledge deal with the text, their main work tool. For that, we use the considerations of Lefevere (1992; 1984), Bassnett (1993), Carvalhal (2003; 2006), Coutinho (2013), Souza (1993), among other comparatists and theorists of translation to ensure our point of view. Although the reflections are in line with the literary text, they are also applicable to artistic texts.

KEYWORDS:

Comparative
Literature;
Translation Studies;
Approaches;
Intertext; Text.